

O conhecimento e acesso ao script de base segura e a percepção de suporte social em mães com crianças em idade pré-escolar

Irina Branco* / Lígia Monteiro** / Manuela Veríssimo***

* Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL); ** Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIS-IUL; *** WJCR, ISPA – Instituto Universitário

O presente estudo analisou a relação entre o conhecimento e acesso ao script de base segura de mães e a sua percepção da qualidade do suporte social recebido. Participaram 36 mães (casadas ou a viver em união de facto, apenas uma se encontrava divorciada), com crianças em idade pré-escolar. De modo a aceder às representações de vinculação utilizou-se as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos. Analisou-se a validade do instrumento, controlando-se pela primeira vez, em amostras portuguesas, a competência verbal (ICV) dos sujeitos. O Suporte Social percebido foi avaliado com base na Escala de Satisfação com o Suporte Social. Os resultados indicam que existe uma correlação marginalmente significativa entre o valor Total do script de base segura e o ICV dos sujeitos; e que o script materno apenas se encontra relacionada com a dimensão do suporte social – Atividades Sociais (controlando o ICV). Os resultados foram discutidos no contexto da teoria da vinculação de Bowlby/Ainsworth (em particular dos Modelos Internos Dinâmicos) e do Suporte Social Percebido, com reflexões sobre os aspectos metodológicos.

Palavras-chave: Modelos internos dinâmicos, Script de base segura, Suporte social percebido, Parentalidade.

Introdução

Segundo Bowlby (1988) os comportamentos da figura de vinculação são organizados num “sistema de cuidados parentais” recíproco ao sistema comportamental de vinculação da criança. Nesse sentido, George e Solomon (2008) consideram que a análise e compreensão deste sistema constitui-se como uma mais valia, na medida em que possibilita um olhar sobre as relações de vinculação sob a perspetiva parental.

O desenvolvimento do sistema de cuidados consiste numa complexa transação entre fatores biológicos e as experiências vivenciadas pelo indivíduo. O principal objetivo deste sistema é a promoção da proximidade pais-filhos, com a função biológica adjacente de proteção (Cassidy, 2000; George & Solomon, 2008). George e Solomon (2008) definiram o sistema de cuidados como um conjunto de comportamentos parentais os quais pretendem promover a proximidade e conforto (proteção e sobrevivência da criança enquanto principal função adaptativa), nas situações em que os pais (ou seus substitutos) se apercebem que a criança esteja a vivenciar uma situação de perigo, potencial ou efetivo (e.g., separação, medos da criança, desconforto ou stress sentido pela criança). No seguimento desta situação as figuras parentais colocarão em ação diversos

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Lígia Monteiro, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIS-IUL, Av^a das Forças Armadas, 1649-026. E-mail: lmsmo@iscte.pt

comportamentos (ativação do sistema) ligados à função protetora deste sistema (e.g., manter proximidade, pegar, chamar, observar, sorrir). Assim que a aproximação (física ou psicológica) à criança acontece e esta se encontra confortada ocorre a desativação do sistema de cuidados parentais (Cassidy, 2000; Mikulincer & Shaver, 2007). É, portanto, através deste sistema que são postas em exercício as funções de uma figura de vinculação: *providing a safe haven* e *providing a secure base for exploration* (Bowlby, 1997).

O sistema de cuidados parentais tem na sua gênese o sistema comportamental de vinculação e os modelos internos dinâmicos (MID) de vinculação do indivíduo (componente integrante do sistema de vinculação ao nível representacional) cuja construção ocorre durante a infância, no contexto das relações de vinculação. Este sistema engloba, assim, representações mentais do sujeito enquanto cuidador, da criança enquanto recetora dos seus cuidados e das relações pais-criança. Estas representações mentais guiarão os comportamentos de cuidados parentais do sujeito, influenciando as suas expectativas, sentimentos e ações enquanto pai/mãe (George & Solomon, 2008). Este sistema, ao nível cognitivo, é regulado por um modelo de relações distinto, contando com uma trajetória de desenvolvimento e de organização mental diferente dos MID de vinculação. Assim, apesar de ter o seu início na infância, o sistema de cuidados atinge o exponencial do seu desenvolvimento na transição para a parentalidade (George & Solomon, 2008).

A noção de que as experiências construídas no passado determinam, em parte, a parentalidade como é abordado por autores como Sroufe e Fleeson (1986) ao sugerirem que os bebés aprendem os dois lados da relação diádica, nomeadamente, como é ser um bebé por um lado, enquanto por outro, como é o comportamento de uma figura parental. A teoria da vinculação sugere que os indivíduos que durante os primeiros anos de vida experienciam cuidados sensíveis, em contraposição às crianças expostas a cuidados insensíveis e marcados pela inconsistência, tendem a representar e ter expectativas do seu cuidador como responsivo, desenvolvendo sentimentos de segurança e confiança face ao mesmo (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Bowlby, 1988). Apesar de durante a infância os MID se encontrarem abertos à mudança, dependendo de alterações significativas na qualidade dos cuidados parentais (Bretherton & Munholland, 2008) estes, com o desenvolvimento da criança, vão-se tornando cada vez mais estáveis através de experiências repetidas no tempo, acabando por se generalizar. Segundo Bretherton (1985) os MID dos pais face às suas relações de vinculação na infância guiam o comportamento do indivíduo enquanto figura de vinculação no futuro, recorrendo para tal aos modelos das suas figuras parentais ou do *self*.

Na perspetiva de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) a história individual de interações entre a criança e a figura de vinculação é representada na memória sob a forma de um script de base segura. Se o suporte de base segura vivenciado pelo indivíduo foi consistente e adequado, o script será completo, bem consolidado, e de fácil acesso, em situações que remetam para conteúdos ou experiências de vinculação. Assim, uma história de suporte efetivo e credível tenderá a ser generalizada, enquanto expectativa que a figura de vinculação estará “sempre” acessível e disponível, seja enquanto porto de abrigo ao qual a criança poderá regressar, seja enquanto base segura e a partir da qual poderá explorar o ambiente físico e social em segurança (Waters & Waters, 2006). A longo destas interações o indivíduo vai construindo não só representações do que é procurar e receber suporte mas, também, o que é dar esse suporte. Embora abertas a revisão e mudança, estas crenças construídas no contexto das relações com os cuidadores, na idade adulta servirão de ponto de partida para crenças mais gerais do indivíduo, quer seja acerca das relações românticas, quer de relações de parentalidade (Wais & Treboux, 2003). Assim, apesar de estáveis no tempo a idade e experiência do indivíduo vão tornando estes esquemas mais elaborados e flexíveis. Estas representações permitem ao indivíduo antecipar, prever e interpretar as experiências do quotidiano, tornando-se possível não só especificar as ligações temporais e causais, como igualmente remeter para um conjunto de ações e expectativas subjacentes a determinado evento familiar (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001).

O protótipo de script de base segura engloba uma sequência de eventos no qual: (1) o cuidador apoia a exploração da criança; (2) mantém-se disponível, responsivo e serve como um recurso se necessário; (3) a criança encontra um obstáculo/ameaça e sente-se assutada/medo; (4) procura o cuidador ou este dirige-se até ela; (5) a situação de perigo é resolvida ou removida; (6) a proximidade e/ou contacto com o cuidador conforta a criança de forma eficaz e finalmente (7) a criança regressa novamente à brincadeira/exploração sendo o equilíbrio restabelecido (Waters & Waters, 2006). É, deste modo, possível perceber que a base segura (pais/companheiro) ajudará o outro (criança/companheiro) a lidar com uma situação de stress, promovendo o restabelecimento do equilíbrio e retorno à normalidade. Para que se verifique tal organização, nas histórias elaboradas pelos sujeitos, a “base segura” deverá ajudar o outro na seleção e implementação de estratégias que visem normalizar a situação vivenciada, difundindo ou evitando sentimentos de angústia e facilitando a mudança para outras atividades, podendo, em função da idade da criança, ajudá-la a compreender o ocorrido. Compete também à “base segura” salientar o lado positivo das experiências, bem como ser sensível ao estado emocional do outro. Uma narrativa com conteúdo de base segura focaliza-se, portanto, na interação entre as personagens e não apenas na descrição de acontecimentos, denotando-se a cooperação entre elas, bem como a reciprocidade emocional. O objetivo é, portanto, facilitar a exploração, incentivando a ocorrência de experiências positivas. É no conhecimento e acesso a este script que reside a diferença entre adultos com representações seguras e aqueles com representações inseguras. Segundo Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) o mesmo script organiza os comportamentos dos sujeitos, quer nas histórias de interação adulto-criança, quer nas histórias de interação adulto-adulto, sendo, por isso, possível falar da existência de um script único e geral (e.g., Coppola, Vaughn, Cassibba, & Constantini, 2006; Vaughn et al., 2007).

O script de base segura será, assim, uma ferramenta mental que guia os comportamentos parentais na interação com os seus filhos. Coppola et al. (2006) verificaram numa amostra de mães, uma relação positiva e significativa entre a qualidade do script e a coerência na AAI; e entre a qualidade do script e a sensibilidade materna, relação esta que vem demonstrar a validade preditiva das Narrativas, bem como a ligação existente entre o conhecimento e acesso ao script de base segura e a qualidade dos comportamentos maternos. Ao nível das amostras portuguesas existe, também, evidência empírica que atesta que pais e mães portugueses organizam as representações de vinculação em torno de um script de base segura geral e abstrato (Monteiro & Veríssimo, 2010; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost, 2008; Vaughn et al., 2007; Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, & Waters, 2005).

Suporte social

O suporte social é definido como um constructo complexo que abarca múltiplas dimensões (aspetos objetivos e aspetos subjetivos do social) que podem ser abordadas a diversos níveis (Sarason & Sarason, 2009). Considerado estável ao longo do tempo, e das situações vivenciadas pelos sujeitos, Sarason, Levine, Basham e Sarason (1983) definem-no através da “existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam conosco, nos valorizam e gostam de nós.” (p. 127).

São considerados dois níveis: “suporte social percebido” e recebido, remetendo o primeiro para o suporte que o sujeito percebe como disponível caso necessite dele, enquanto o segundo remete para o suporte efetivamente recebido.

O suporte social percebido refere-se à perceção do sujeito face à disponibilidade do suporte, caso este entenda aceder ao mesmo, as relações encontradas entre o suporte social percebido e o suporte social recebido têm sido consideradas modestas (Sarason, Pierce, Shearin, Sarason, & Waltz, 1991). Sarason, Pierce, Bannerman e Sarason (1993) por seu lado, definem o suporte social

percebido como o sentimento de que se é querido e valorizado pelos outros, sendo este relativamente estável, mesmo em períodos da vida marcados por mudanças significativas. A percepção do suporte social tende a reduzir os medos de falhar e a antecipação dos perigos, predispondo-se o sujeito a correr certos riscos, devido à disponibilidade que este percebe por parte daqueles que lhe são significativos e que lhe prestarão apoio caso este necessite (Sarason & Sarason, 2009).

Segundo Sarason et al. (1991) os sujeitos que percebem o suporte social como disponível, e se encontram satisfeitos com o mesmo, têm uma autopercepção mais positiva e detentora de menos características negativas, acreditando que os outros têm uma opinião similar à sua. Usufruir de suporte social, quando necessário, contribuirá também, na perspectiva de Sarason et al. (1993), para que os indivíduos possuam uma autoimagem mais positiva.

Vinculação e suporte social

Mikulincer e Shaver (2007) referem que uma abordagem ao nível do contexto e das variáveis pessoais que têm impacto na qualidade dos cuidados parentais faz com que estas se possam constituir como variáveis moderadoras, no que concerne à possível relação entre o padrão de vinculação dos pais e os cuidados parentais prestados por estes. Diversos estudos indicam que o suporte social constitui-se como um fator importante para a organização comportamental dos pais, passível de promover a qualidade dos cuidados parentais e conseqüentemente ter impacto no desenvolvimento das relações de vinculação das crianças (Belsky & Fearon, 2008). Neste sentido, ao analisar variáveis de contexto e sociais, Belsky (1996) concluiu que a qualidade dos recursos familiares (relação conjugal, suporte social e relação família-trabalho) se relacionava com os padrões de vinculação seguros encontrados.

Relativamente ao suporte social a investigação tem sugerido que este poderá refletir características da personalidade do sujeito e não apenas a presente disponibilidade dos outros para o ajudar (Sarason et al., 1991). Sarason et al. (1993) indicam que as percepções dos indivíduos, face à disponibilidade do suporte social se encontram relacionadas com a forma como as suas figuras parentais os veem. Deste modo, não só as características do sujeito, como, também, as daquele que fornece suporte e a relação existente entre ambos, desempenham um papel crucial nas percepções do suporte social do primeiro.

Apesar da disponibilidade do suporte social ser uma condição imprescindível para que o indivíduo possa usufruir do mesmo esta não é, no entanto, suficiente. Para que tal suceda é necessário que o indivíduo possua um repertório de “competências sociais”, bem como um conjunto de crenças e disposição ao nível da personalidade, promotoras da procura de suporte em caso de necessidade. A capacidade para confiar e estabelecer relações íntimas, que se encontram relacionadas com a responsividade e qualidade dos cuidados parentais (Cohn, 1990), constituem-se como duas competências cruciais para aceder ao suporte social. Paralelamente, a investigação tem confirmado que padrões de vinculação seguros na infância estão relacionados com a maior capacidade para, na idade adulta, os indivíduos providenciarem suporte social aos outros (Crowell & Feldman, 1991).

Os modelos internos dinâmicos do self e dos outros medeiam, segundo Main, Kaplan e Cassidy (1985), a relação entre as experiências pessoais do sujeito e o impacto das mesmas no ajustamento do indivíduo. Neste sentido, e segundo Sarason et al. (1991) os modelos dinâmicos do sujeito constituem-se como a lente através da qual o sujeito analisa os comportamentos e sentimentos do outro, sendo por isso expectável que indivíduos com relações de vinculação seguras sejam mais recetivos a estabelecer relações de suporte social.

Jacobson e Frye (1991) numa amostra de 46 primíparas, que usufruíam de um programa de ajuda alimentar, constataram que a qualidade do suporte social disponível, no caso de mães sujeitas

a elevados fatores de stress, baixo nível socioeconómico e isolamento social, promove o desenvolvimento de relações de vinculação seguras das crianças no primeiro ano de vida. O bem-estar maternal encontrava-se, também, relacionado com o tipo de vinculação das crianças. No estudo de Crockenberg (1981) verificou-se que elevados níveis de suporte social se encontravam, de modo consistente, associados à segurança da qualidade da relação de vinculação das crianças com as mães, e que baixos níveis de suporte social se encontravam associados a elevada resistência, evitamento e relações marcadas pela ansiedade. Baixos níveis de responsividade materna encontravam-se associados a padrões de vinculação inseguros, mas apenas quando o suporte social era baixo.

Sarason, Sarason e Sherin (1986), numa amostra de estudantes universitários, verificaram que as perceções que estes tinham das suas relações parentais eram preditoras das perceções de suporte social. Assim, enquanto representações de padrões comportamentais (avaliados através de uma medida de autorrelato/autopreenchimento: *Parental Bonding Instrument*) baseados na superproteção materna estavam associados a uma satisfação social baixa, no caso da figura paterna, a postura superprotetora relacionava-se com uma menor quantidade de suporte social. A baixa perceção de suporte social encontra-se relacionada com a solidão, depressão, ansiedade e hostilidade, para além do facto dos indivíduos com suporte social elevado, quando comparado com os sujeitos com baixo suporte social, caracterizarem as suas relações parentais como mais marcadas pela existência de cuidados afetuosos e solicitude.

Belsky e Fearon (2008) mencionam um conjunto de estudos (e.g., Crockenberg, 1981) cujos resultados são indicadores da importância do suporte social na promoção de relações de vinculação seguras entre a criança e a figura materna. Estes são, contudo, na sua maioria realizados com amostras consideradas de risco (e.g., bebés com temperamentos difícil, mães afro-americanas de nível socioeconómico baixo, filhos de mães abusivas ou negligentes, mães de bebés prematuros). Diversos trabalhos, com amostras normativas, não encontraram qualquer relação entre as variáveis, sugerindo a utilização de modelos de moderação em futuras investigações, contemplando fatores de risco e de proteção (Belsky & Fearon, 2008).

Objetivos

O presente estudo teve como objetivo analisar o conhecimento e acesso ao script de base segura materno, utilizando as Narrativas de Representação da Vinculação em adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004), contribuindo para a análise da sua validade. Os estudos existentes, nomeadamente, com amostras portuguesas (Monteiro et al., 2008; Monteiro & Veríssimo, 2010; Veríssimo et al., 2005) indicam bons níveis de fidelidade e validade convergente e discriminativa. Apesar de ser um instrumento que apela à competência verbal dos sujeitos, o que o instrumento avalia através da produção das narrativas é a presença e qualidade do script de base segura. O número de estudos que controla o Q.I. verbal, ou o conhecimento verbal dos indivíduos é bastante reduzido. Nos estudos de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) e Elliot, Tini, Fettes e Saunders (2003) não foi encontrada qualquer associação entre o Q.I. de mulheres e homens e os seus valores script. Nenhum estudo realizado com amostras portuguesas reporta até à data o controle do Q.I. verbal nas suas análises, pelo que este estudo procura contribuir para colmatar esta lacuna, ao controlar o Índice de Compreensão Verbal dos participantes.

Analisou-se, ainda, a relação entre o conhecimento e acesso ao script de base segura e a qualidade do suporte social percebido (controlando o ICV materno). A metodologia utilizada permitirá, ainda, uma discussão conceptual e metodológica relacionada com as associações entre as representações de vinculação e o suporte social percebido. A maioria dos estudos existentes (e.g., Sarason et al., 1991) inserem-se no domínio da psicologia social, recorrendo a medidas de autorrelato e partilhando as mesmas fontes de informação. Neste estudo, ao utilizarmos uma

medida que ativa conhecimentos implícitos relativos à vinculação (Monteiro & Veríssimo, 2010; Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) do domínio da psicologia do desenvolvimento, procurar-se ultrapassar estas limitações.

Método

Participantes

Neste estudo participaram 36 mães casadas ou a viver em união de facto, apenas uma se encontrava divorciada/separada. As mães tinham idades compreendidas entre os 24 e 50 anos ($M=35.33$, $DP=4.62$) e os pais entre os 29 e os 52 anos ($M=36.64$, $DP=4.49$). As suas habilitações literárias variavam entre os 6 e os 19 anos de escolaridade ($M=14.36$, $DP=3.33$) e as dos pais entre os 6 e os 19 anos ($M=13.08$, $DP=3.65$). Vinte cinco mães e 29 pais trabalhavam, encontrando-se os restantes desempregados. As crianças tinham idades compreendidas entre os 36 e os 75 meses ($M=51.64$, $DP=11.95$), sendo 16 do sexo feminino e 20 do sexo masculino. Destas, 23 têm irmãos. As famílias pertenciam a um nível socioeconómico médio baixo (INE) ($M=1464.83$, $DP=831.66$). Todos as participantes foram recrutadas para o estudo através das Creches e Jardins de Infância de instituições particulares de solidariedade social (IPSS) que as crianças frequentam, sendo esta uma amostra de conveniência. As famílias são oriundas dos concelhos de Peniche, Torres Vedras e Lisboa.

Instrumentos/procedimento

Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Veríssimo, sd). Visa recolher informação sociodemográfica relativa aos pais (e.g., estado civil, idade, habilitações literárias, situação profissional, composição do agregado familiar e nível socioeconómico) e às crianças (e.g., idade, sexo, número de irmãos). Neste estudo esta ficha foi preenchida pela mãe.

Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado). Este instrumento permite aceder ao *script* de base segura dos adultos, a partir de histórias por eles elaboradas, com base num conjunto de palavras sugestivas (Vaughn et al., 2006). As seis histórias abordam contextos ansiogénicos e de rotina familiar, remetendo quatro das histórias para cenários relevantes do ponto de vista da vinculação (duas histórias têm por base a interação mãe/pai-criança “A manhã do bebé” e “No consultório médico” e duas são de interação adulto-adulto “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana”) e duas para contextos de rotinas familiares (“O passeio no parque” e “Uma tarde nas compras”), consideradas neutras, dado não terem relevância para o fenómeno de base segura.

A sequência pela qual as histórias foram apresentadas aos sujeitos foi controlada, de modo a evitar efeitos de ordem. Todas as histórias foram gravadas, para posteriormente serem transcritas e cotadas por dois investigadores, treinados por H. Waters, e sem qualquer conhecimento relativo aos participantes. A cotação foi realizada com base numa escala de 7 pontos, indicando o valor de cada história a medida em que esta se encontra organizada em torno do *script* de base segura. A média das quatro histórias indica o valor *script* de base segura geral para cada sujeito (ver Monteiro et al., 2008; Waters & Waters, 2006, para uma descrição mais pormenorizada do instrumento). Diversos estudos com amostras anglo-saxónicas, colombianas, italianas e portuguesas demonstraram a validade do instrumento (e.g., Monteiro et al., 2008; Vaughn et al., 2007; Veríssimo et al., 2005).

O acordo intercotadores, para as 4 histórias com *script* de base segura, foi calculado através do Coeficiente de Correlação Interclasses tendo os valores variado entre .96 e .98. Os valores

Spearman-Brown de fiabilidade para cada história variaram entre .87 e .98. O *Alpha de Cronbach* para as 4 histórias com *script* de base segura é de .72 indicando um nível aceitável de consistência interna do instrumento (e.g., Monteiro & Veríssimo, 2010; Veríssimo et al., 2005).

WAIS – III Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos (Rocha, 2008). O Índice de Compreensão Verbal (ICV) dos sujeitos foi analisado utilizando-se a adaptação portuguesa da Escala de Inteligência Wechsler para Adultos – Terceira Edição (WAIS-III) (Rocha, 2008). Este mede os conhecimentos verbais e o raciocínio verbal dos indivíduos entre os 16 e 89 anos de idade. Os subtestes que permitem o cálculo deste índice fatorial são: o subteste do Vocabulário, das Semelhanças e de Informação, por esta mesma ordem. Este instrumento encontra-se validado para a população portuguesa, revelando os três subtestes bem como o ICV, valores de fidelidade, de validade convergente e discriminante bastante satisfatórios (Rocha, 2008).

A aplicação do ICV e das Narrativas foi realizada dentro do espaço escolar, contando apenas com a presença do participante e do investigador na sala, contando com um tempo de duração de cerca de 60 minutos.

Escala de Satisfação com o Suporte Social (Pais-Ribeiro, 1999, 2011). Analisa a percepção da satisfação do indivíduo, neste estudo da figura materna, com o suporte social existente. Esta é descrita como uma dimensão fundamental nos processos cognitivos e emocionais ligados ao bem-estar e à qualidade de vida do indivíduo (Pais-Ribeiro, 2011). A escala é composta por 15 itens [concordo totalmente (A), não concordo nem discordo (C) discordo totalmente (E)] que remetem para quatro dimensões que analisam diversos aspetos do suporte social: (1) “Satisfação com Amigos” ($\alpha.77$) (e.g., item 3 – Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria); (2) “Intimidade” ($\alpha.64$); (3) “Satisfação com a Família” ($\alpha.79$) e (4) “Atividades Sociais” ($\alpha.69$). Valores mais elevados correspondem a uma percepção mais elevada de suporte social.

Resultados

Script de base segura materno

Com o objetivo de analisar a presença e qualidade do script de base segura das mães nas histórias de interação Adulto/Criança, Adulto/Adulto e Total (compósito das quatro histórias com script de base segura), procedeu-se ao cálculo das respetivas médias e desvios padrão. A Tabela 1 reporta os valores encontrados.

Tabela 1

Médias e desvios padrão (DP) para os valores de script de base segura

	Adulto/Criança	Adulto/Adulto	Script/Total
Mãe	4.00 (DP=1.07)	3.84 (DP=1.21)	3.92 (DP=.96)

Os valores das narrativas variaram entre 1.25 e 6.41 para as histórias Adulto/Criança; entre 1.67 e 6.92 para as Adulto/Adulto. Os valores médios obtidos indicam que as mães face a um conjunto de palavras sugeridas nas diferentes histórias acedem e utilizam o script de base segura na elaboração das narrativas.

Os valores do Índice de Compreensão Verbal materno variaram entre 77 e 129 ($M=101.88$; $DP=13.22$), com 45 % dos valores situados entre 90 e 109, ou seja, dentro daqueles que são considerados os valores mínimos e máximos de um índice de compreensão verbal médio, encontrando-se os restantes 21% num nível médio inferior e 33% num nível médio superior (Rocha, 2008).

De seguida, correlacionou-se o Índice de Compreensão Verbal materno com os valores Total do script de base segura [$r(33)=.33$, $p=.07$], tendo-se obtido uma associação marginalmente significativa.

Relativamente às variáveis sociodemográficas encontrou-se, ainda, uma associação positiva e significativa [$r(36)=.38$, $p<.05$] entre as habilitações literárias maternas e o valor total de script.

Suporte social percebido

A perceção materna relativamente ao suporte social foi avaliada através das quatro dimensões do suporte social. Na Tabela 2 são apresentadas as Médias e Desvios Padrão.

Tabela 2

Médias e desvios padrão para as 4 dimensões e total do suporte social

Escala de satisfação com o suporte social	Média	DP
Satisfação com amigos	3.75	.79
Intimidade	4.04	.77
Satisfação com a família	3.75	.93
Atividades sociais	3.25	.93

As mães reportam valores de satisfação que variam entre 3.25 (Atividades Sociais) e 4.04 (Intimidade) nas diferentes dimensões, indicando os valores mais baixos perceções da satisfação de suporte social mais baixo.

Relativamente às variáveis sociodemográficas o número de horas/semanais de trabalho do pai encontra-se positiva e significativamente correlacionado com a perceção de satisfação com o suporte íntimo [$r(36)=.34$, $p<.05$]. Constatou-se, ainda, que são as mães com maior carga horária laboral aquelas que referem sentir-se menos satisfeitas com o suporte familiar [$r(36)=-.483$, $p<.01$].

Script de base segura materno e suporte social

Por fim analisou-se a relação entre os valores do script materno e a sua perceção do suporte social, ao nível das quatro dimensões. Apenas na dimensão Atividades Sociais se encontrou uma correlação positiva, e marginalmente significativa [$r(33)=.34$, $p=.06$]. Recalculou-se esta análise controlando-se o ICV [$r_{\text{parcial(ICV)}}=.40$; $p<.05$], tendo a magnitude da associação aumentado, atingindo significância.

Discussão

O presente estudo analisou o conhecimento e acesso ao script da base segura, numa amostra de mães com filhos em idade pré-escolar, considerando aspetos metodológicos do instrumento das

Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Waters, 2006). Face a diferentes conjuntos de palavras sugestivas, que remetiam para temáticas relacionadas com conteúdos de vinculação, as mães acedem e utilizam o script de base segura, na produção das suas narrativas. Estes dados corroboraram os resultados obtidos noutros estudos empíricos (e.g., Coppola et al., 2006; Monteiro & Veríssimo, 2010; Vaughn et al., 2007).

As análises realizadas ao nível da fiabilidade e validade interna indicam valores comparáveis aos anteriormente reportados (Vaughn et al., 2007; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006). No sentido de colmatar uma lacuna identificada ao nível do teste da validade discriminativa, em amostras portuguesas, analisaram-se as associações com o ICV. Tendo-se obtido uma associação marginalmente significativa com o total das histórias com Script de base segura. O que não corrobora os resultados dos estudos iniciais de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001). Constatou-se, ainda, que ao nível das habilitações literárias existe alguma variabilidade (3% das mães têm mestrado, 50% licenciatura, 6% bacharelato, 28% completou o ensino secundário, 11% o 3º ciclo, e 3% o 2º ciclo de escolaridade) sendo que, neste estudo, as mães com habilitações literárias mais elevadas são as que apresentam valores de script mais elevados (Coppola et al., 2006; Vaughn et al., 2007). Segundo Bakermans-Kranenburg (2006), enquanto pedras basilares dos modelos internos dinâmicos de vinculação, os scripts, como estruturas cognitivas que são e pelo facto de serem avaliados através de narrativas, a eventual associação entre a competência verbal dos sujeitos e o valor script de base segura não deverá ser encarado como algo inesperado. Waters, Rodrigues e Ridgeway (1998) referem o facto de que a memória semântica quer a episódica, assim como outras representações mentais poderem influenciar tanto a elaboração como a qualidade dos scripts na produção das narrativas salientando, assim, que a investigação em torno desta temática, deverá controlar as variáveis cognitivas.

O suporte social percebido consiste na perceção que o indivíduo tem acerca da disponibilidade da rede social para fornecer apoio caso seja necessário constituindo-se, assim, como a componente cognitiva deste constructo, contrariamente ao suporte recebido o qual representa a componente comportamental (Coventry, Gillespie, Heath, & Martin, 2004). Neste estudo, verificou-se que quanto mais horas os pais trabalham, mais elevada é a perceção materna de satisfação com o suporte íntimo (apoio proveniente de relações íntimas independentemente de ser ou não familiar). Contrariamente, a satisfação com o suporte familiar materno (que remete para o apoio proveniente da família), é mais baixo quando as mães que têm cargas horárias laborais maiores. Uma possível explicação para estes resultados poderá estar ligada à representação da paternidade, nomeadamente, a uma perspetiva mais conservadora associada à dimensão de sustento financeiro da família, e a representação da maternidade associada aos cuidados familiares (Lamb, 1987). Ou seja, enquanto a ausência da figura paterna poderá não ter um impacto negativo na perceção da mulher sobre o suporte íntimo, remetendo-nos para um papel paterno mais conservador, já um maior investimento materno no mundo laboral poderá ter consequências no tipo e necessidade de maior suporte por parte da família, no sentido de gerir mais eficazmente estes papéis.

As mães participantes neste estudo têm filhos a frequentar o ensino pré-escolar, tendo a investigação demonstrado que a existência e disponibilidade de relações interpessoais de suporte/apoio poderão ter um impacto positivo na parentalidade. Neste estudo procurou-se analisar uma componente do sistema de cuidados parentais: os MID, podendo esperar-se que mães com valores mais elevados de script (saibam o que é ser e/ou procurar uma base segura) pudessem apresentar níveis mais elevados em termos da qualidade da rede de suporte social percebido (mais especificamente ao nível das dimensões da intimidade e satisfação familiar). Embora estejamos perante constructos teóricos distintos (relações com objetivos distintos), espera-se que mães que sabem o que é ser e/ou procurar uma base segura, saibam como procurar suporte e manter relações satisfatórias com os outros, quando o necessitam. Tal não se verificou, apenas se encontrando uma

associação com a percepção do suporte social relativo às atividades sociais, dimensão que remete para questões ligadas à vida social da mãe.

Um aspeto que nos parece, também, importante é o facto de o script de base segura materno ter sido avaliado através das Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos que ativa conhecimentos implícitos, e não através de medidas de autorrelato respondidas pelos mesmos sujeitos. Estudos no domínio da psicologia social têm analisado a relação entre a vinculação e o suporte social (percebido e recebido), e modo geral, os resultados vão no sentido de que o estilo da vinculação, visto enquanto traço estável, influencia a forma como o suporte social (familiar e proveniente das relações de amizade) é acionado e percebido (Collins & Feeney, 2004).

Ravitz, Maunder, Hunter, Sthankiya e Lancee (2010) salientam que cada tipo de instrumento (medidas que ativam conhecimentos implícitos do sujeito como as narrativas e medidas de autorrelato, respondidas pelos mesmos sujeitos como os questionários) poderá estar a avaliar diferentes aspetos relativos à vinculação. Se a psicologia do desenvolvimento, na área da vinculação, procura utilizar medidas que não assenta na autoavaliação consciente por parte do sujeito, por seu lado, a psicologia social recorre a medidas de autorrelato, as quais acedem às atitudes conscientes face aos relacionamentos, bem como, a memórias de experiências dos relacionamentos atuais (Crowell, Fraley, & Shaver, 2008), e não aos MID que têm por base as primeiras relações.

O facto da dimensão da coerência da AAI se encontrar frequentemente relacionada com medidas como: entrevistas, observações laboratoriais e naturalísticas, ou tarefas de produção estruturada de narrativas (Waters, Crowell, Elliot, Corcoran, & Treboux, 2002), mas não com as medidas de autorrelato (ver Waters et al., 2002) parece ir no sentido dos nossos resultados. Dado não se ter aplicado uma medida de autorrelato sobre a vinculação, aos nossos sujeitos, não nos permite aprofundar esta questão.

Em estudos futuros, e com amostras maiores, seria interessante compreender o modo como a percepção do suporte social poderá moderar, por exemplo, a relação entre os MID das figuras parentais e a qualidade dos seus comportamentos na interação com os filhos; alargando a análise à figura paterna. Face aos resultados obtidos sugere-se, ainda, que se continue a controlar o ICV e verificar se as associações esperadas com a sensibilidade dos cuidados parentais se mantem.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, C. M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Oxford: Lawrence Erlbaum.
- Bakermans-Kranenburg, M. J. (2006). Script-like attachment representations: Steps towards a secure base for further research. *Attachment & Human Development*, 8, 275-281. doi: 10.1080/14616730600910037
- Belsky, J. (1996). Parent, infant, and social-contextual antecedents of father-son attachment security. *Developmental Psychology*, 32, 905-913. doi: 10.1037/0012-1649.32.5.905
- Belsky, J., & Fearon, R. M. (2008). Precursors of attachment security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 295-316). New York: Guilford Press.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1997). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. London: Pimlico. (Obra original publicada em 1969/1982)

- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research* (pp. 3-35). Monographs of the Society for Research in Child Development, 50(1-2, Serial No. 209). doi: 10.2307/3333824
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships – Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 102-127). New York: Guilford Press.
- Cassidy, J. (2000). The complexity of the caregiving system: A perspective from attachment theory. *Psychological Inquiry*, 11, 86-91.
- Cohn, D. A. (1990). Child-mother attachment of six-years-old and social competence at school. *Child development*, 61, 152-162. doi: 10.2307/1131055
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment shape perceptions of social support: Evidence from experimental and observational studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87, 363-383. doi: 10.1037/0022-3514.87.3.363
- Coppola, G., Vaughn, B. E., Cassibba, R., & Constantini, A. (2006). The attachment script representation procedure in an Italian sample: Association with adult attachment interview scales and with maternal sensitivity. *Attachment & Human Development*, 8, 209-219. doi: 10.1080/14616730600856065
- Coventry, W. L., Gillespie, N. A., Heath, A. C., & Martin, N. G. (2004). Perceived social support in a large community sample – Age and sex differences. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 39, 625-636. doi: 10.1007/s00127-004-0795-8
- Crockenberg, S. B. (1981). Infant irritability, mother responsiveness, and social support influences on the security of infant-mother attachment. *Child development*, 52, 857-865. doi: 10.2307/1129087
- Crowell, J. A., & Feldman, S. S. (1991). Mothers' working models of attachment relationships and mother and child behavior during separation and reunion. *Developmental Psychology*, 27, 597-605. doi: 10.1037/0012-1649.27.4.597
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 599-634). New York: Guilford Press.
- Elliot, M., Tini, M., Fettes, E., & Saunders, A. (2003, abril). *Attachment scripts in adult men and adolescent males*. Paper presented at the Biennial Meetings of Society for Research in Child Development, Tampa, FL.
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 833-856). New York: Guilford Press.
- Jacobson, S. W., & Frye, K. F. (1991). Effect of maternal social support on attachment: Experimental evidence. *Child Development*, 62, 572-582. doi: 10.2307/1131132
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent American father. In M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp. 3-25). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood. A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research* (pp. 66-104). Monographs of the Society for Research in Child Development, 50(1-2, Serial No. 209). doi: 10.2307/3333827
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamic, and change*. New York: The Guilford Press.

- Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2010). *A análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: A especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Bost, K. K. (2008). Secure base representations for both fathers and mothers predict children's secure base behavior in a sample of Portuguese families. *Attachment & Human Development, 10*, 189-206. doi: 10.1080/14616730802113711
- Pais-Ribeiro, J. L. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica, XVII*, 547-558.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2011). *Escala de satisfação com o suporte social*. Lisboa: Placebo Editora.
- Ravitz, P., Maunder, R., Hunter, J., Sthankiya, B., & Lancee, W. (2010). Adult attachment measures: A 25-year review. *Journal of Psychosomatic Research, 69*, 419-432. doi: 10.1016/j.jpsychores.2009.08.006
- Rocha, A. (2008). *WAIS – III Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos* (3ª ed.). Lisboa: CEGOC-TEA. (Obra original publicada em 1997, D. Wechsler)
- Sarason, B. R., Pierce, G. R., Bannerman, A., & Sarason, I. G. (1993). Investigating the antecedents of perceived social support: Parents' views of and behavior toward their children. *Journal of Personality and Social Psychology, 65*, 1071-1085. doi: 10.1037/0022-3514.65.5.1071
- Sarason, B. R., Pierce, G. R., Shearin, E. N., Sarason, I. G., & Waltz, J. A. (1991). Perceived social support and working models of self and actual others. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 273-287. doi: 10.1037/0022-3514.60.2.273
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: The social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 44*, 127-139. doi: 10.1037/0022-3514.44.1.127
- Sarason, I. G., & Sarason, B. (2009). Social support: Mapping the construct. *Journal of Social and Personal Relationships, 26*, 113-120. doi: 10.1177/0265407509105526
- Sarason, I. G., Sarason, B. R., & Sherin, E. N. (1986). Social support as an individual difference variable: Its stability, origins, and relational aspects. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*, 845-855. doi: 10.1037/0022-3514.50.4.845
- Sroufe, L. A., & Fleeson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. Hartup & Z. Rubin (Eds.), *The nature and development of relationships* (pp. 51-71). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Vaughn, B. E., Coppola, G., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J., Pousada, G., . . . Korth, B. (2007). The quality of maternal secure base scripts predicts children's secure base behavior at home in three sociocultural groups. *International Journal of Behavioral Development, 31*, 65-76. doi: 10.1177/0165025407073574
- Vaughn, B. E., Waters, H. S., Coppola, G., Cassidy, J., Bost, K. K., & Veríssimo, M. (2006). Script-like attachment representations and behavior in families and across cultures: Studies of parental secure base narratives. *Attachment & Human Development, 8*, 179-184. doi: 10.1080/14616730600856008
- Veríssimo, M. (s.d.). *Ficha de caracterização sociodemográfica*. Unpublished manuscript.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: Vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J. C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Lisboa: Fim de Século.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica, XXIII*, 7-17.
- Wais, D., & Treboux, D. (2003). Current relationship attachment scripts: Correlates and partner-specific contributions. In H. Waters & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience*:

Evidence of cross-age, cross-cultural, and behavioral links. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL.

Waters, E., Crowell, J., Elliot, M., Corcoran, D., & Treboux, D. (2002). Bowlby's secure base theory and the social/personality psychology of attachment styles: Work(s) in progress. *Attachment and Human Development, 4*, 230-242.

Waters, H., & Rodrigues-Doolabh, L. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript. State University of New York at Stony Brook.

Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology, 71*, 211-234. doi: <http://10.1006/jecp.1998.2473>

Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001, April). *Are attachment script the building blocks of attachment representations?*. Paper presented at the meeting of the Society for Research in Child Development, Minneapolis. Retirado a 11 de dezembro, 2012, de http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/srcd2003/posters/SRCD2001_hsw.pdf

Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8*, 185-197. doi: 10.1080/14616730600856016

This study aimed to assess the associations between mothers' knowledge and access to the secure base script and their satisfaction with the social support received. 36 mothers (married or living together, one was divorced), with preschool children participated. The Narrative Assessment of Adult Attachment Representations was used to assess the secure base script, testing its validity, and controlling for the first time with Portuguese samples, subjects verbal competence (VCI). Perceived Social Support was assessed using the Social Support Satisfaction Scale. The results show that mother Total secure base script was marginally correlated with their verbal competence. Only one dimension of social support – Social Activities was associated with the maternal secure script (after controlling for VCI). Results were discussed using Bowlby/Ainsworth Attachment Theory (with focus on the Internal Working Models) and the Perceived Social Support, with methodological considerations.

Key words: Internal working models, Secure base script, Perceived social support, Parenting.

Submissão: 30/07/2014

Aceitação: 04/04/2015

